

Boletim do FMI

ESTRATÉGIA PÓS-CRISE

Diretor-Geral do FMI descreve principais prioridades para a América Latina

Boletim do FMI on-line
28 de maio de 2010



Strauss-Kahn reúne-se com ministros da região antes de seu discurso aos Ministros das Finanças das Américas e do Caribe (foto: Tom Dooley/FMI)

- A região teve desempenho marcadamente superior ao do passado
- As principais preocupações são a forte entrada de capitais e o desemprego elevado
- É preciso recolocar as políticas fiscais numa posição neutra

Na América Latina e no Caribe, os países que adotaram políticas sólidas superaram bastante bem a crise; todavia, com o avanço da recuperação, enfrentarão dificuldades associadas à forte entrada de capitais e ao superaquecimento da economia, afirmou Dominique Strauss-Kahn, Diretor-Geral do FMI.

O principal motivo da recuperação tão rápida da América Latina — melhor do que muitos outros países e melhor do que no passado — foi sua posição inicial favorável, afirmou Strauss-Kahn em discurso pronunciado dia 28 de maio em Lima, no Peru, na III Reunião dos Ministros das Finanças das Américas e do Caribe.

“Esses países não cometeram os erros de muitos países avançados, com seus gastos desenfreados alimentados pelo endividamento ou o uso de mecanismos complexos de engenharia financeira para exagerar os riscos”, afirmou. “Ao contrário, eles aprenderam com os erros do passado e adotaram políticas econômicas cautelosas e prudentes”.

Strauss-Kahn destacou que os países da América Latina também se beneficiaram de taxas de câmbio flexíveis, reservas internacionais significativas e uma política monetária mais confiável do que no passado. Como os setores bancário e empresarial apresentavam boa saúde, de modo geral, a região não enfrentou uma crise financeira interna.

O dirigente do FMI está em visita ao Brasil e ao Peru para reunir-se com autoridades, figuras de destaque do setor privado, estudantes e personalidades do mundo acadêmico, como parte dos esforços para estreitar as relações com as partes interessadas da região.

Administrando a recuperação

Com o recuo da crise, as autoridades econômicas da América Latina e do resto do mundo enfrentam grandes desafios de política pública. Strauss-Kahn descreveu três dos mais importantes para a América Latina:

Remoção do estímulo fiscal. A remoção do estímulo fiscal à medida que a recuperação se consolida será um exercício delicado de equilíbrio: “se agir cedo demais, você sufocará a recuperação; se esperar muito, poderá estar plantando as sementes da próxima crise”, disse Strauss-Kahn. Na América Latina, onde a recuperação está em estágio mais avançado, um ponto de partida natural seria a remoção do estímulo fiscal temporário. A correção fiscal pode aliviar parte da pressão do aperto monetário e isso, por sua vez, pode atenuar o fluxo excessivo de entrada de capitais.

Absorção do fluxo de entrada de capitais. É provável que países com fundamentos sólidos, como muitos da América Latina e de outras regiões, recebam nos próximos anos fluxos volumosos e sustentados de capitais. O desafio será absorvê-los de forma eficiente e evitar o acúmulo de vulnerabilidades. Pode-se lançar mão de uma série de ferramentas, inclusive valorização do câmbio, acumulação de reservas, aperto da política fiscal e medidas macroprudenciais, observou Strauss-Kahn. Os controles de capitais às vezes também podem ser úteis, mas não devem ser empregados para evitar os ajustes necessários, acrescentou.

Redução do desemprego. Como o desemprego continua elevado, a crise econômica pode transformar-se em uma crise social, afirmou Strauss-Kahn. Políticas específicas para o mercado de trabalho podem ajudar a limitar os danos — um seguro-desemprego razoável contribui para sustentar a confiança, proteger a renda das famílias e evitar o aumento da pobreza. Programas de educação e formação também podem ajudar.

Progresso social significativo

No passado, choques externos de grande magnitude tiveram consequências sociais gravíssimas para a América Latina. Por exemplo, a região precisou de quase um quarto de século para reverter o aumento na pobreza que se seguiu à crise da dívida da década de 1980. “Mas desta vez foi diferente, porque os países alocaram fundos a políticas sociais e as redes de proteção social forneceram um suporte essencial”, declarou Strauss-Kahn.

Historicamente, a desigualdade social tem sido uma das pragas a assolar a América Latina. Ela não apenas impediu que grandes parcelas da população compartilhassem dos aumentos de renda, mas contribuiu também para a instabilidade política e social generalizada — o que, por seu turno, prejudicou as perspectivas econômicas.

Mas durante esta recessão muitos países preservaram os gastos sociais básicos e as redes de proteção social. “O FMI insistiu que isso fosse incluído nos programas dos países, algo que julgo de extrema importância, não apenas porque protegeu os mais vulneráveis das agruras da crise mas também porque contribuiu para a estabilidade política e social”, afirmou Strauss-Kahn.

No dia 27 de maio, o Diretor-Geral participou de um debate televisionado com os Ministros das Finanças da Bolívia, do México, do Peru e do Uruguai, tendo como tema as perspectivas para a região. “A crise econômica global mostrou que a América Latina está numa nova fase”, concluiu.